

V!RUS

revista do nomads.usp
nomads.usp journal
ISSN 2175-974X
CC BY-NC

a cidade e os outros
the city and the others
SEM1 2013

OS OUTROS, O CINEMA E A CIDADE: UMA REVISÃO SOBRE O PAPEL E O SENTIDO DE REALIZAR O “VELHO RECIFE NOVO”

CRISTIANO FELIPE B. DO NASCIMENTO, LÍVIA MORAIS NÓBREGA,
LUÍS HENRIQUE LEAL, CAIO ZATTI e BRUNO FIRMINO.

Cristiano Felipe Borba Do Nascimento. Doutor em Desenvolvimento Urbano (UFPE, 2013) com graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPE, 2005). Analista em Ciência & Tecnologia na Diretoria de Memória, Educação, Cultura e Arte da Fundação Joaquim Nabuco e pesquisador associado do Laboratório de Estudos Avançados em Arquitetura (IA2) do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco.

Lívia Morais Nóbrega. Mestre em Desenvolvimento Urbano (UFPE, 2012), com graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPE, 2009). Professora na Universidade Federal de Pernambuco (Departamento de Expressão Gráfica) e na Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (Curso de Arquitetura e Urbanismo) e Arquiteta no escritório MVRF Arquitetura, no Recife.

Luís Henrique Leal. Graduado em Jornalismo (UFPE, 2009), atualmente é mestrando em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco. Trabalha com cinema e audiovisual, atua como diretor e diretor de fotografia em produções audiovisuais independentes. Integra Parabelo Filmes e Contravento.

Caio Zatti. Graduado em Jornalismo (UFPE, 2010). Trabalha com cinema e audiovisual como montador e assistente de direção. Integrante da Parabelo Filmes, Contravento e Coque (R)Existe.

Bruno Firmino. Graduado em Arquitetura e Urbanismo (UFPE, 2011). Trabalha no desenvolvimento de projetos arquitetônicos.

Como citar esse texto: DO NASCIMENTO, C. F. B., NÓBREGA, L. M., LEAL, L. H., ZATTI, C. e FIRMINO, B. OS OUTROS, O CINEMA E A CIDADE: UMA REVISÃO SOBRE O PAPEL E O SENTIDO DE REALIZAR O “VELHO RECIFE NOVO”. **V!RUS**, São Carlos, n. 9 [online], 2013. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/virus/_virus09/secs/carpet/virus_09_carpet_49_pt.pdf>. [Acessado em: dd m ano].

1

Há aproximadamente um ano – em Abril de 2012 – era lançado pela internet o “Velho Recife Novo”. O filme, de pouco mais de dezesseis minutos de duração, apresenta a seguinte sinopse na página em que fica *online* no *Vimeo*:

Oito especialistas de diversas áreas (arquitetura e urbanismo, economia, engenharia, geografia, história e sociologia) opinam sobre a noção de espaço público na cidade do Recife e destacam temas como: a história do espaço público na cidade, o efeito dos projetos de grande impacto no espaço urbano, modos de morar recifenses, a relação entre a rua e os edifícios, a qualidade dos espaços públicos, legislação urbana, gestão e políticas públicas e mobilidade.

Os referidos oito especialistas são colegas de profissão ou de instituição, professores ou ex-professores dos realizadores – que integram o coletivo *Contravento* – e cedem as suas falas para compor o mosaico de ideias confluentes para uma reflexão crítica sobre o processo de construção e transformação da metrópole recifense.

Feito com o intuito de ser divulgado livremente na internet, mas também já exibido em alguns festivais de audiovisual, o Velho Recife Novo tem quase quarenta mil visualizações e inúmeros compartilhamentos em redes sociais, *blogs* e *sites* ligados (ou não) a questões urbanísticas e à arquitetura. O filme ainda seria complementado por mais dois curtas dele derivados, os *desurbanismos #1* e *#2*, que ressaltam o termo proposto por Lucas Figueiredo (2010):

[...] desurbanidade, numa definição mais ampla, acontece quando o ambiente construído e suas estruturas auxiliares, i.e. sistemas de transporte, dentre outros, impedem ou pelo menos restringem encontros e a co-presença entre pessoas de classes ou estilos de vida distintos, separando-as em espaços privados ou semipúblicos segregados, dentro de um sistema probabilístico no qual essas pessoas, em suas rotinas, tendem a não usar ou passar pelos mesmos lugares.

2

No Recife, a partir de meados da primeira década dos anos 2000, havia um cenário que, para os mais sensíveis, mostrava-se, no mínimo, preocupante: depois de cerca de quase cinco décadas de estagnação econômica e índices alarmantes de violência, entrava-se em um ciclo de rápida retomada e impensável crescimento em paradoxal contraposição à crise financeira

mundial que se instalava àquela época. E, numa cidade com elevados índices de pobreza e com um ambiente de certa insegurança – impossível andar a pé em suas ruas – a imagem de uma nova cidade, materialmente pujante e representativa desse renascimento começava a ganhar força.

O mercado de empreendimentos imobiliários e a sua publicidade, sempre focada no desespero da classe média, ofereciam produtos evidentemente imediatistas e urbanisticamente irresponsáveis, reproduzindo o modelo de construção de cidadelas verticais muradas que protegeriam as pessoas de bem e os seus vários automóveis de um entorno urbano sujo e mendicante (ou presumidamente violento).

A cidade não pode ser o espaço de confluência de vontades individuais, onde essas vontades individuais vão se debater. A cidade não pode ser só isso. Não é possível resolver todos os problemas da vida em sociedade individualmente, nem todas as questões podem ser resolvidas privadamente. Hoje, existem camadas da população que sonham com a compra de um automóvel... Mas veja que é uma projeção da mesma vontade de resolver, em âmbito privado, questões que só podem ser resolvidas no plano coletivo. Há uma dificuldade das pessoas entenderem o sentido do público. (Fala da socióloga Maria Eduarda Rocha, em Velho Recife Novo)

Por muito tempo, esta estratégia fez com que cidadãos pertencentes às classes média e alta conseguissem, em certa medida, manter um estilo de vida relativamente estável ao longo dos anos. Contudo, com o crescente agravamento de uma série de problemas urbanos, sobretudo aqueles referentes às condições de mobilidade e saneamento, tais soluções individuais não se mostraram mais eficazes no sentido de manter o estilo de vida almejado por estas classes. Comprar carros não era mais suficiente para conseguir realizar os deslocamentos diários. Morar num edifício dito de luxo não consegue imunizar seus moradores das enchentes que assolam as cidades.

Todo mundo fala que o trânsito está piorando, que o trânsito é ruim, mas esse sentimento - e aí é até uma crítica a nós, de classe média, nós só começamos a falar disso quando ficou ruim andar de carro. Na verdade, a mobilidade sempre foi muito ruim para as pessoas de mais baixa renda, mas eu não consigo ver [essas pessoas] sendo consideradas nessa discussão. (Fala do economista Raul Silveira Neto, em Velho Recife Novo)

Reclamar da cidade e buscar os culpados por aquele incômodo, portanto, despontava como nova atividade principal para aqueles que se sentiam recentemente atingidos – pois, para muitos, situados abaixo da capacidade

de compra da classe média estabelecida, o incômodo era antigo, se não, culturalmente já estabelecido. Há os que reclamem em mesas de bar e de restaurante por passarem muito tempo presos no trânsito em seus carros obrigatoriamente dotados de ar-condicionado. Mas há também aqueles que optam por reclamar fazendo uso da capacidade de produção audiovisual.

Também oriundos da classe média, realizadores de curtas, médias ou longas metragens despejavam, de modo notável, um número certamente nunca visto, nos festivais e na internet, de documentários, ficções (ou documentários ficcionais ou ficções documentais) com a temática da cidade, das suas mazelas e seus vilões – um mercado voraz e poder público omissos ou conivente.

Alguns empreendimentos lançados na área central e histórica do Recife se tornaram alvo das iniciativas: nomeadamente, as torres gêmeas de quarenta pavimentos situadas sobre parte de Cais de Santa Rita chamadas Píer Maurício de Nassau e Píer Duarte Coelho e o projeto de loteamento de uma fatia de uma gleba de 10 hectares arrematada por meio de um leilão à antiga rede ferroviária, chamado Novo Recife. Também alguns empreendedores principais nesses negócios – nomeadamente, a construtora local Moura Dubeux – e os próprios governos do estado e da cidade – que vendiam a ideia de quatro novos viadutos sobre a avenida Agamenon Magalhães, talvez aquela mais representativa da condição contemporânea do Recife.

Ora optando pela virulência do discurso, ora pelo humor ácido, ora pela experimentação plástica, difícil saber qual o alcance efetivo de tal postura. É natural que a primeira medida diante do incômodo seja a da reclamação. Mas, o que fazer para ampliar a discussão e sair do papel do incomodado, partindo para o de contribuinte de um conteúdo intelectual, político e urbanístico, já que a contribuição ao conhecimento do cidadão comum, nem empreendedor nem governante, se mostrava tão distante e ineficaz?

Fernando Mendonça e Rodrigo Almeida (2012), no texto “O cinema pernambucano entre gerações” para o *site Filmologia*, descrevem do seguinte modo tal momento da produção audiovisual local:

Fica clara a preocupação nesse conjunto de filmes como a paisagem não é só uma imagem visual, mas algo feito pela participação, pela atitude, pelas crenças, pelas práticas sociais, pelo dia a dia dos cidadãos. É unânime a ideia de que as áreas em discussão não podem ficar restritas ao uso ou ao usufruto de uma pequena parcela da população, ou seja, tomando como parábola de outros espaços, a paisagem do Cais, uma das mais bonitas da cidade, não pode ser simplesmente privatizada. Não é surpresa afirmar que a experiência urbana é também uma experiência estética. Se cada vez mais pessoas estão se mobilizando contra o projeto *Novo Recife* ou contra os viadutos da Agamenon Magalhães, o impulso parte da vontade em pensar a cidade como um espaço público a ser usufruído por toda a população de maneira coletiva. No entanto, alguns filmes realmente caem na simplória demonização dos prédios, apropriando-se da hipócrita lógica "*quem vive em casa é bom, quem vive em edifício é lobo mau*", enquanto outros lançam um olhar com mais afinco sobre a reorganização espacial, padronizada e sem resquícios de criatividade alguma; a princípio uma discussão estética que, claro, não deixa de ser política, pois atravessa o imenso risco em aceitar um projeto de desenvolvimento da cidade ditado pelos interesses comerciais das grandes construtoras.

3

Na esteira do pensamento de Marie-José Mondzain (2009), exposto em seu livro "*A imagem pode matar?*", consideremos que apenas as pessoas são, em última instância, capazes de agir no mundo. Dessa forma, as imagens e os filmes são coisas - ou se, mais consensualmente, constituem-se no limiar entre coisas e não-coisas - incapazes, portanto, de agir sobre o mundo. Porém, é preciso pensar nesta dita impossibilidade de imputar ações às imagens. Deparamo-nos, pois, à questão: qual pode ser o desempenho político, a potência de mudança, de uma imagem ou um filme?

Em seu livro "*Cartas sobre o humanismo*", Martin Heidegger (2000) trata de forma bastante interessante o dilema histórico entre teoria e práxis. Na concepção de Heidegger, o pensamento na sua radicalidade é capaz de reestruturar os termos do real, ao estabelecer um dimensionamento crítico da realidade. Assim, o gesto de repensar novas possibilidades - que não estão colocadas na discussão pública ou que não são hegemônicas no espaço público - é constitutivo de um agir no pensar. É quando o pensamento atua na sua radicalidade que ele é capaz de agir.

Nesse sentido, devemos pensar no rigor da investigação urbanística dos pesquisadores que falam em Velho Recife Novo, bem como em sua dimensão crítica do pensamento ao propor uma nova visão de cidade com

formas alternativas de ocupação e uso, estabelecendo, então, uma proposta alternativa e não-hegemônica de cidade.

É, de certo modo, o que Chico Lacerda (2012) considera:

Contornando uma certa desconfiança do documentário moderno em relação a vozes especialistas, o *Contravento* pareceu identificar esta lacuna na discussão sobre o projeto urbano do Recife, convidando-as então a entrar no debate e fazendo seu discurso circular de forma efetiva.

A desconfiança de que fala Lacerda tem evidente fundamentação histórica. O cinema documental contemporâneo vem se estabelecendo a partir de uma busca de novas formas estéticas que passam pela negação de construções e por um amplo distanciamento das "vozes de autoridade". Há ampla legitimidade na incorporação de outras formas de conhecimento através da revisão da rigidez de tal estrutura, extremamente opressora no cinema documental, e ainda amplamente disseminada nas deficientes produções televisivas da atualidade.

No entanto, é preciso que tal afirmação de legitimidade se faça sem menosprezo pela produção de conhecimento realizada por pesquisadores que dedicaram décadas de estudo a essas questões. É fundamental, igualmente, que a revisão dos princípios estéticos, éticos e políticos, não contribua para uma ampla disseminação no senso comum de um antiintelectualismo, uma crença na experiência de uma distância entre as questões e demandas "reais" e as intenções teóricas e acadêmicas das pesquisas desenvolvidas na universidade. Tal crença, além de lançar um olhar tautológico sobre a complexa rede de estudos desenvolvidos sobre a questão urbana, se constitui - ainda que de maneira inconsciente - como um discurso alinhado à hegemonia econômica e social dos interesses privados sobre a cidade e a ideia de público.

É, nesse contexto, que cabe retornar às questões levantadas no debate pós-exibição de *Velho Recife Novo*, no *Janela Internacional de Cinema do Recife*, em novembro de 2012, dimensionando as implicações sociais da discussão num longo prazo:

-... é muito interessante fazer essa crítica nos filmes, mas parece um tanto inocente... há várias críticas acadêmicas, mas elas parecem não sair desse universo... não tenho dúvida de que os viadutos vão ser construídos, o Novo Recife vai ser construído... e aí, de que adianta colocar esse discurso da academia se as coisas

já estão decididas, se a população quer esses projetos? (Fala de membro da plateia)

– Na proposta do filme não há inocência. O discurso que você diz ser 'de academia' não é recente e é resultado da dedicação intensa de pesquisadores a questões durante longo período de estudo. Há artigos publicados por aquelas pessoas que depõem no filme há mais de dez ou quinze anos já antevendo essa situação que só agora, por meio da comunicação ou do cinema, um número maior de pessoas começa a compreender e demonstrar interesse. Uma das estratégias do planejamento urbano é fomentar, construir um debate, estabelecer uma dimensão crítica da cidade... é dotar a população de conhecimento sobre a cidade para que qualquer outra ação ou intervenção tenha substrato em que se agarrar. Ninguém é inocente de acreditar que o filme vai impedir viadutos ou arranha-céus, agora. O filme não é inocente porque é visto como um ato de planejamento urbano, uma disciplina que trabalha com o tempo, com o pensamento, com longos prazos. O filme não é um devaneio estético ou uma reclamação inocente, é um ato intencional e estratégico de planejamento, mesmo que feito por quem está fora do governo ou das empresas. (Fala de membro da plateia)

4

Ao tempo em que esse texto é digitado, sabe-se que, nos dias 24, 25 e 26 de maio de 2013, a Prefeitura da Cidade do Recife, por meio da sua Secretaria de Desenvolvimento e Planejamento Urbano, coordenará a 5ª Conferência Municipal, ação que busca alinhar diretrizes nacionais para os municípios com questões locais.

Se há algum avanço em relação às edições anteriores, pode-se creditá-lo a uma abertura maior à participação de representantes da sociedade civil ainda no seu período de organização. E, para além das tradicionais ONG's, líderes comunitários e fóruns de habitação, foram destinadas algumas vagas para um grupo gerado nas redes sociais – essencialmente o *Facebook* – tido como um fenômeno do ciberativismo brasileiro por conta dos seus mais de nove mil participantes e seus atos de ocupação de espaços públicos ligados a alguma polêmica: o *Direitos Urbanos*.

No texto "Autobiografia de um crítico do Novo Recife", publicado no *blog* Caderno Recifense, Lucas Alves (2013) – professor e ativista pelo Direitos Urbanos – diz:

Eu não fui sempre contra o projeto Novo Recife. Como a maioria das pessoas que vivem no Recife, cresci lamentando a paisagem "terceiro-mundista" do centro da cidade, remanescente de abandono e desimportância que contrastavam com relatos saudosos de gente que viveu um centro outrora prestigiado, organizado, limpo, para onde afluíam pessoas elegantes e bem vestidas.

Mas, explicando a sua mudança de postura, perante o cenário inquietante e incômodo do Recife no início da década de 2010, reflete:

Carregava, entretanto, inquietudes a respeito da cidade, com ideias gestadas a partir de experiências vividas em outros lugares. Vi um mundo diferente de Recife, cidades onde se vive melhor e que me fizeram refletir com outro olhar sobre o que havia de errado na minha terra natal.

E sintetiza:

Desde então, outubro de 2012, há pouco mais de três meses, estou envolvido com os problemas urbanos do Recife, entre eles a questão do Cais José Estelita. Foi a partir do Direitos Urbanos que entrei em contato com profissionais de diversas áreas engajados nessa causa, e tive a oportunidade de aprender coisas novas, de rever e desfazer uma série concepções que havia naturalizado. Menção especial deve ser feita ao vídeo Velho Recife Novo (se não viu, assista agora!), responsável pelo tiro de largada dessa demolição conceitual.

REFERÊNCIAS

ALVES, Lucas. Autobiografia de um crítico do Novo Recife. **Caderno recifense**. Recife, 2013. Disponível em: <<http://cadnorecifense.blogspot.com.br/2013/01/autobiografia-de-um-critico-do-novo.html>>

FIGUEIREDO, Lucas. Desurbanismo: Um manual rápido de destruição de cidades. Enanparq I, 2010, Rio de Janeiro. **Anais**. Rio de Janeiro: Enanparq, 2010. 23 p.

HEIDEGGER, Martin. **Carta sobre el humanismo**. Madrid: Alianza Editorial, 2000. 93 p.

LACERDA, Chico. Vídeo-ativismo sobre questões urbanas do Recife: mapeamento inicial. **Janela de cinema**. Recife, 2012. Disponível em: <www.janeladecinema.com.br/2012/programacao/>

LEAL, Luís Henrique; ZATTI, Caio; BORBA, Cristiano; NÓBREGA, Lívia. **Velho Recife Novo**. Filme. Recife, 2012. Disponível em: <<http://vimeo.com/40913933>>

MENDONÇA, Fernando; ALMEIDA, Rodrigo. O cinema pernambucano entre gerações. **Filmologia**. Recife, 2012. Disponível em: <http://www.filmologia.com.br/?page_id=5774>

MONDZAIN, Marie-José. **A imagem pode matar?** Lisboa: Vega, 2009.